POSSE DO SÓCIO EFETIVO MIGUEL ÂNGELO DE AZEVEDO: DISCURSO DE SAUDAÇÃO PELO PROF. JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLIVEIRA

Recebi, entre honrado e temeroso, a escolha do meu nome para saudar-vos, no vosso ingresso, nesta sessão, no Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Honrado pela distinção de dar-vos as boas vindas ao entrardes nesta Casa, o centésimo décimo quinto, para ilustrá-la com vossa especialização.

Duplamente honrado por ter sido escolhido vosso recipiendo numa escolha que partiu do Exmo. Sr. Presidente e que contou com o vosso amável beneplácito e dos demais Confrades.

Temeroso, pelo fato de ter de cumprir uma obrigação que não é fácil pela sua responsabilidade.

Temeroso ainda mais porque o recipendário, sobre ser um irmão do nosso companheiro Rubens de Azevedo, é membro de uma família de artistas, literatos e cientistas da maior projeção estadual e nacional.

Família privilegiada a vossa, Sr. Miguel Ângelo de Azevedo, em cujo brasão resplandecem os mais ricos ornatos literários, artísticos e científicos.

Vosso genitor, Otacílio de Azevedo, foi membro da Academia Cearense de Letras, onde ocupava a Cadeira nº 26, patroneada por Manuel da Silva Bezerra. Sua pena era tão escorreita quanto o pincel; seu estilo tão suave quanto o colorido de suas composições. Empunhava com tanta mestria os instrumentos de escritor como a paleta do artista. Aí estão, para atestar toda a grandiosidade de sua obra, os livros agradáveis e majestosos que enriquecem nossas bibliotecas e os

quadros que valorizam nossas pinacotecas. Uma de suas telas, por sinal, figura com real destaque num Palácio de Londres.

Vossos irmãos são legítimos herdeiros das tradições culturais de Otacílio de Azevedo.

Rubens de Azevedo, nosso companheiro e professor da UECe, já se afirmou e firmou nesta Instituição, quer na arte de escrever sobre ela como "Os 40 da Casa do Barão" e "Os Fundadores do Instituto" alentadas monografias, quer na técnica de recuperar as peças valiosas de sua Galeria. Na sua opulenta Bibliografia, aparecem, como principais obras, as seguintes: Uma Viagem Sideral, O Desenho Sem Mestre, Selene – A Lua ao Alcance de Todos, Lua, Degrau para o Infinito, Na Era da Astronáutica, No Mundo da Estelândia, A Bandeira Nacional, O Homem Descobre o Mundo, Lenda Feita de Pedra e O Cometa de Halley.

Rafael Sânzio de Azevedo, professor da UFC, membro da Academia Cearense de Letras, ocupante da Cadeira nº 1, que tem por Patrono Adolfo Caminha, é autor consagrado na sua especialização. Nosso meio literário já lhe deve a bem elaborada Literatura Cearense, que está à altura da obra de Dolor Barreira, o mais completo do gênero. À maneira de Leonardo Mota, escreveu, também, com incontrastável autoridade sobre a Padaria Espiritual. Esse movimento literário do Ceará, que foi um dos mais originais do país, estará completando, no próximo ano, um século de fundação.

Vossa irmã, Maria Consuelo de Azevedo, Licenciada em Letras pela UECe, com especialização em espanhol na Casa de Cultura Hispânica, destaca-se nos seus estudos lingüísticos. Ela é uma estrela que brilha, com a mesma grandeza, na constelação familiar.

Vós não destoais dos méritos dos Azevedos e cedo vos impusestes, também, no setor da vossa especialização.

Criastes o Museu Fonográfico, que graças ao vosso trabalho beneditino, se transformou num dos melhores do Brasil. Nele tributais vossa homenagem, que é a do povo cearense, aos artistas conterrâneos, de que é prova vosso livro O Balanceio de Lauro Maia. A memória artística do Ceará merece preservada, defendida ardentemente, por poucos, raros, interessados como vós.

Entendo que todo membro do Instituto do Ceará devia ter, como deveres, além do discurso de ingresso, o da saudação a um recipiendário.

Esse meu entendimento foi responsável, em parte, pela aceitação da incumbência que me conferiu o Sr. Presidente com a vossa desvanecedora aprovação e de vossos confrades.

Outros três fatores, não menos importantes, militaram também em favor da posição que assumi diante de vós e desta Casa.

O primeiro foi o fato de ter sido um dos componentes da indicação de vosso nome para este sodalício, juntamente com Vladir Menezes e Eduardo Bezerra Neto, estes sim, mais afeitos, do que eu, às galas tribunícias.

O segundo foi o meu propósito de jamais renunciar às missões que me confiam, por mais graves que elas sejam. Ao ingressar aqui, eu pedi a Deus não tarefas leves mas que me dotasse de forças para bem desempenhá-las.

O terceiro – the last but no the least – foi a afinidade que existe entre nós no tocante ao nosso aniversário natalício.

Vós nascestes na mesma data que eu – 15 de maio – quase uma geração depois, no ano de 1934.

Evoco, com emoção, um dia como este, quando tive a sorte de penetrar nos umbrais vetustos da Casa do Barão de Studart, então presidida por essa figura de sábio que era Pompeu Sobrinho. Tomou conta de mim um sentimento misto de ansiedade e de preocupação, ante a espectativa do discurso que teria de pronunciar.

Um amigo meu disse-me, certa vez, a título de conselho, que a utilização de livros, embora não seja para lê-los integralmente, mas apenas para deletreá-los, é sempre benéfica.

Na abertura de uma dessas obras, ao acaso, numa livraria da cidade, encontrei magnífico pensamento de São Bernardo, que poderia constituir, perfeitamente, o exórdio da minha alocução.

Pareceu-me de rara felicidade e, por isso, aproveitei-o para iniciar o trabalho, lido no dia 20 de agosto de 1957, já lá se vão quase 35 anos.

Ainda hoje posso dizer: quem sou eu para desobedecer à ordem de apresentar-vos esta saudação em nome deles.

Antes de dirigir-me ao Instituto do Ceará, na sua sede anterior, à Avenida da Universidade, tive o estalo de verificar o santo do dia.

Qual não foi minha surpresa ao constatar que o Hagiológio cristão registrava, naquela data, precisamente, a festa do Doutor da Igreja, que invocava nas minhas palavras aos superiores!

Tratava-se, ademais, de um dos santos da minha devoção, orago da Igreja em Fortaleza, em que fiz minha 1ª Comunhão.

Não experimentareis qualquer angústia e preocupação com o vosso discurso de posse, pela experiência que possuís, como homem de boas letras e das belas artes.

Recepcionou-me, com extrema cordialidade, na Cadeira 14 das

15 que se criaram, nos fins da década de 50, o meu companheiro de magistério José Denizard Macedo de Alcântara, de saudosa memória.

Não tereis, de certo, um discurso de saudação como o de meu receptor e preceptor, cujas orações primavam pela beleza estilística. As coisas belas, na feliz concepção do poeta John Keats, que gosto de repetir, são um entretenimento para sempre – são eternas.

De igual teor é o conceito feliz de Monteiro Lobato: "Só os artistas sabem lidar com as coisas eternas".

Conheço-vos desde a fase áurea de vossa infância, pois visitei, quando Redator de "O Povo", encarregado de um dos "comentários do dia", vosso genitor na sua residência, à Rua Jaime Benévolo.

Escrevi, então, naquela seção, uma espécie de crônica, que não é entretanto o meu gênero, intitulada "Na Casa de Otacílio de Azevedo".

Dei notícia de que ela não era, propriamente, o "home-sweet-home" dos ingleses, mas uma casa modesta mas aconchegante, modelo cearense, com a presença de vossos genitores, vossos e mais a vossa.

Era uma ativa e altiva oficina de trabalho, um templo luminoso de letras, ciências e artes, em que todos da família tinham os seus cultos:

O de Otacílio, sacerdote máximo, eram a literatura e a pintura.

O de Rubens, a Astronomia, em que se iniciava e em que seria um expoente no Estado e no Brasil.

O de Sânzio a poesia e a crítica literária, em que se tornaria um dos grandes no setor.

O de Consuelo, os estudos filológicos e as traduções, que a credenciariam como professora da disciplina.

Vós, Miguel Ângelo, já começáveis no vosso "hobby" de colecionador que vos iria dar renome em todo o País.

Vossa genitora foi a estimuladora de todos vós.

Anima-vos o dom de servir, pois vosso Museu, verdadeira escola, é aberto à visitação pública. Eu mesmo cheguei a apelar algumas vezes para a vossa solicitude, sendo prontamente atendido. Aliás, a vossa vocação, neste sentido, é a de vossos genitores e irmãos: o ser útil ao semelhante. Quantas vezes bati às vossas portas para solicitar-vos palestras para meus alunos ou para gravações musicais! Professor de Geografia do Ceará, procurei ter uma discoteca, com melodias e letras de músicas sobre temas cearenses, objeto de minhas aulas.

Vosso nome já ultrapassou as fronteiras do nosso Estado, pela coleção de discos e teipes que possuís; pelos trabalhos de pesquisas que realizais e pelas publicações que tendes e que escreveis.

No DNOCS, antiga IFOCS, privastes com técnicos como Ademar Braga, Oceano Atlântico Linhares, Sebastião de Abreu. Os estudos científicos desses pesquisadores serviram de subsídios preciosos para a vossa atividade de comunicador.

Fizestes justiça à atuação de todos eles: Ademar Braga, na Ciência; Oceano Atlântico Linhares, na Piscicultura e Sebastião de Abreu, na construção de açudes, como engenheiro prático que era.

Do último, que é irmão do maior historiador cearense e, por que não dizê-lo? – Brasileiro, impressionaram-me vivamente os dados que divulgastes. Vós ressaltastes que, onde ele esteve, no seu papel de construtor de açudes, um dos quais tomou o seu nome, deixava indelevelmente a marca de benfeitor. Adiantastes que ele sempre construía às suas expensas, escolas para os moradores do distrito.

Na vossa seção de Memórias de "O Povo", bastante apreciada, reconstituistes, através de escritos e fotografias, a Fortaleza de ontem e de hoje. Nesses flagrantes, colhidos pela vossa lente de fotógrafo e de sociólogo, de esteta e de estudioso, mostrais o desenvolvimento incomum de nossa cidade. Vossa colaboração para aquele jornal devia ser reunida num Álbum como o fez há anos uma empresa local com apanhados fotográficos de seu tempo.

O progresso, aqui e ali, priva a cidade, como o documentastes, de seus monumentos ubanísticos. Um dos mais revoltantes sacrifícios impostos ao nosso passado foi a derrubada do prédio do Liceu do Ceará, outrora na Praça dos Voluntários, para construção em seu lugar, de uma Secretaria de Segurança vom várias delegacias de polícia.

Sois um pesquisador que não encara meios para atingir o vosso desideratum.

No afã de estudar a vida e a obra de um dos mais destacados musicistas, recorrestes ao meu depoimento e ao de meu irmão José Maria Campos de Oliveira sobre Lauro Maia Teles. É que, nas vossas pesquisas, descobristes que nós tínhamos sido seus colegas de turma na Faculdade de Direito do Ceará. Publicastes aspectos da existência de Lauro Maia, que todos nós, seus companheiros de lides acadêmicas, desconhecíamos completamente. Desses estudos, resultou a vossa documentada monografia "Balanceio de Lauro Maia", recentemente lançada com muito sucesso. Nela se encontram as músicas e as letras de algumas das produções do autor "Trem de Ferro", "Ontem eu vi um Leão", "Quando Dois Destinos Divergem", "Eu vou até de manhã", "Poema Imortal", etc. Estas são as composições que tocam mais de perto aos contemporâneos e conterrâneos de Lauro Maia.

Na mensagem aos pensadores e cientistas, aos pesquisadores e colecionadores, um dos Concílios da Igreja manifestou-lhes sua solidariedade. O Papa João Paulo I, no seu interessante livro "Ilustríssimos Senhores", centralizou-a na pessoa de Marconi. Guardadas as proporções, volto-me para vós, afirmando como Sua Santidade: "O vosso caminho é o nosso. Nós somos amigos da vossa vocação de pesquisadores, aliados de vossas fadigas, admiradores de vossas conquistas e, sendo preciso, consoladores de vosso desânimo e de vosso insucesso".

Denizard Macedo em seu generoso discurso, consignou que o meu dia natal, semelhante ao vosso, é consagrado ao professorado católico e à assistência social, por ser o do lançamento da "Rerum Novarum". Assinalou ele que esses fatos traçaram o meu destino, como professor e como advogado trabalhista. Dediquei-me, no campo jurídico, ao Direito do Trabalho, que ensinei na Escola de Serviço Social e que foi motivo de várias palestras minhas.

Parodiando Denizard Macedo, devo assegurar-vos que 15 de maio exerceu a melhor influência sobre vossa carreira, que é das mais fecundas em nosso meio.

A efeméride festiva deu-vos, por igual, a condição de mestre na acepção mais legítima do termo. À maneira de São João Batista de La Salle, padroeiro dos professores católicos, difundis o bom exemplo. As escolas Lassalianas têm em comum convosco um endereço profissional. Elas apresentam, no seu currículo, Desenho Industrial e exercícios práticos com um instrumental de labor que sabeis manejar com rara habilidade.

Já a Carta Papal de Leão XIII, que comemorou, este ano, o seu centenário de lançamento, inspirou a vossa ideologia, sem incursões extremistas, pela direita ou pela esquerda.

Não vos deixastes seduzir pela sereia dos pregoeiros que, com empáfia, se jactam de detentores exclusivos da verdade, de anunciadores únicos da última palavra do pensamento político, de monopolizadores da prática da democracia, de dicotomistas do crê-ou-morre, de patrulhadores das filiações partidárias.

Cometeria uma injustiça, e das mais imperdoáveis, se não relembrasse, aqui, nesta hora, o vulto notável de vosso antecessor, o poeta e prosador Manoel Albano Amora.

Era um colega de fino trato, que se distinguia por suas extraordinárias qualidades de batalhador incansável da pureza do idioma português, que teve em seu parente – José Albano – um dos maiores cantores, e da grandiosidade dos objetivos desta Casa.

Tendes, pois, uma missão muito difícil: a de substituir Manoel Albano Amora.

Todos confiam na vossa tarefa na certeza de que sabereis brandir as mesmas armas na defesa de nossos mais autênticos valores.

Sede benvindo a esta Casa, Sr. Miguel Ângelo de Azevedo, que já era vossa, pelo amor que a ela dedicáveis.